

KUPFER, D. Fragilidades persistentes. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 14/12/2005.

Fragilidades persistentes

14/12/2005

Dia desses, remexendo em papéis antigos, encontrei uma cópia de um artigo chamado "Dez pontos frágeis para a indústria brasileira" que Lia Haguenaer, de saudosa memória, eu e João Carlos Ferraz publicamos na imprensa em dezembro de 1995. Havíamos recém-concluído o "Made in Brazil" (Ferraz, J. C.; Kupfer, D e Haguenaer, L. (1995). *Made in Brazil: Desafios Competitivos para a Indústria Brasileira*. RJ. Editora Campus. Disponível em [http://www.ie.ufrj.br/gic/livros/made in brazil.pdf](http://www.ie.ufrj.br/gic/livros/made_in_brazil.pdf)), um livro que discutia a competitividade da indústria brasileira diante das mudanças liberalizantes dos anos 1990. O artigo defendia a tese de que a maioria das empresas industriais do país teria razões para temer a globalização, e destacava dez pontos que colocavam a produção local em desvantagem na competição mundial. A atualidade da lista, apresentada há exatos dez anos, convenceu-me a transcrevê-la adiante, apenas com a retirada de alguns trechos por razões de espaço.

- 1) Condições macroeconômicas desfavoráveis: mais que o risco sempre presente de turbulências no processo de estabilização, que taxas de juros excessivamente elevadas e que o câmbio irreal, o fato do sistema financeiro brasileiro não cumprir sua função básica de intermediação entre poupadores e investidores afeta negativamente a produção interna. Virtualmente inexistente no país crédito de longo prazo que possibilite a renovação do parque industrial brasileiro, restringindo o investimento às empresas com capacidade de autofinanciamento.
- 2) Precariedade de infra-estruturas: como consequência da crise financeira do setor público, desde os anos 80 vêm se deteriorando os sistemas nacionais de transporte e energia. Também aumenta a defasagem do Brasil em relação aos países competitivos no campo da educação, seja no que se refere a taxas persistentemente elevadas de analfabetismo, seja quanto à qualidade do ensino.
- 3) Ineficiência do aparato legal-regulatório: além das constantes mudanças nas "regras do jogo", que frustram estratégias empresariais de médio e longo prazo, há regulações regionalmente conflitantes (guerras fiscais, zonas francas, legislações ambientais diferenciadas etc.) e, principalmente, ineficiência na implementação das leis, gerando concorrência predatória a empresas corretas através da sonegação fiscal, da precarização do trabalho e de importações sub-faturadas.
- 4) Perfil empresarial conservador e pouco profissional: o "custo Brasil", cujos principais elementos estão sintetizados nos itens anteriores, é amplamente reconhecido pelos empresários que, em geral, se consideram competitivos "até a porta da fábrica".

Entretanto, na maioria das empresas existem deficiências na gestão, decorrentes, entre outros fatores, da ingerência de interesses familiares, do horizonte estratégico restrito ao mercado interno, excessivamente protegido no passado etc.

5) Resistência ao investimento em P&D: sem esforços de desenvolvimento próprio de produtos ou processos é impossível conquistar posições de liderança no mercado internacional e, em alguns setores, até mesmo sobreviver. À aversão ao risco do empresariado nacional somam-se o comportamento tradicional das empresas transnacionais (que concentram esses investimentos nos países de origem), a precariedade da infra-estrutura científica e tecnológica local e fragilidade dos setores difusores de progresso técnico, especialmente os produtores de equipamentos.

6) Ausência de cooperação nas cadeias produtivas: a formação de parcerias entre fornecedores, produtores e clientes e mesmo o desenvolvimento conjunto de novos produtos é característica da produção industrial contemporânea. No Brasil, ao contrário, predominam relações imediatistas, fundamentadas unicamente em preços, não se constituindo redes cooperativas que aumentam qualidade e produtividade em todos os participantes da cadeia de produção.

7) Relações capital/trabalho conflitivas: é baixo o investimento das empresas na formação de pessoal e alta a rotatividade da mão-de-obra. A maioria das empresas ainda vê o trabalho como custo, não como recurso, e não valoriza o aproveitamento dos trabalhadores como potencial para a melhoria das produtividade da empresa. É pequena a participação do trabalhador brasileiro nas decisões da empresa e também em seus resultados.

8) Insuficiência do ajuste produtivo: recessão e liberalização comercial súbita da economia ameaçaram a sobrevivência das empresas, que reagiram reduzindo preços, buscando maior qualidade e modernizando seus métodos organizacionais. O ajuste, no entanto, foi basicamente defensivo, orientado para redução de custos, preferindo as empresas apenas introduzir equipamentos modernos em pontos estratégicos de seus processos produtivos e abandonar linhas de produtos que exigiriam maiores esforços para se tornarem competitivas, postergando os volumosos investimentos necessários para a efetiva atualização tecnológica da indústria.

9) Estrutura industrial defasada: enquanto a indústria mundial passava por um processo intenso de globalização e transformação tecnológica, com acelerada difusão da automação eletrônica e crescente importância dos produtos diferenciados e de maior conteúdo tecnológico, a indústria brasileira permaneceu pouco internacionalizada e com maior concentração de empresas competitivas nos setores produtores de commodities (produtos padronizados, de baixa rentabilidade e demanda mundial relativamente estagnada).

10) Extrema desigualdade na distribuição de renda: finalmente, mas não menos importante, a absoluta falta de equidade na sociedade brasileira, além de eticamente inaceitável, prejudica as empresas voltadas para o mercado doméstico. Impede a obtenção de economias de escala, reduzindo o mercado potencial local - principal fonte de vantagens competitivas para a indústria e que tem, desde os anos 1950, atraído empresas de todas as origens -, e sanciona produtos de baixa qualidade e, muitas vezes, nocivos à saúde e ao meio ambiente.

Há dez anos, sugeria o artigo, países cujas empresas dominavam o mercado internacional estavam perdendo espaço para empresas de países emergentes, notadamente asiáticas;

enquanto países com indústrias menos sólidas corriam o risco de desindustrialização. À época, embora muitas empresas brasileiras já estivessem obtendo sucesso como exportadoras, poucas eram protagonistas na economia mundial. Havia, portanto, muito por fazer, concluía o artigo. De lá para cá, afinal, o que mudou? Feliz ano velho para todos nós